

# SINAIS DE MELHORA PARA A GERAÇÃO DE EMPREGO EM 2020

*Mercado de trabalho segue incerto, mas avanço da renda e das contratações formais sinaliza melhoras na economia que, se confirmadas, representarão a geração de novas vagas no ano que vem.*

O Brasil encerrou o primeiro semestre com 12,8 milhões de desempregados – 12% da força de trabalho. O número, apurado pelo IBGE na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua do segundo trimestre, teve melhora em relação ao do primeiro, mas o quadro segue preocupante, mesmo entre os ocupados: o grupo dos que gostariam de produzir mais (subocupados) subiu 8,7%, para 7,4 milhões; e o dos que trabalham por conta própria, sinônimo frequente de informalidade, cresceu 1,6%, atingindo 24,1 milhões.

A força de trabalho composta pelos ocupados e desocupados que buscavam emprego totalizava 106,1 milhões de pessoas no segundo trimestre – 62,1% dos 170,9 milhões de brasileiros com mais de 14 anos em idade produtiva. Com o recuo do desemprego em 0,7 ponto percentual, na comparação com o trimestre anterior, o contingente de ocupados com carteira assinada aumentou 0,9%, passando a 33,2 milhões, en-

**“A chance de retomada do emprego nos patamares do passado, quando a economia se recuperar, é uma incógnita. Algumas competências serão mais bem remuneradas e outras, menos.”**

Lauro Ramos / Ipea

quanto o número dos informais cresceu 3,4%, chegando a 11,5 milhões de empregados.

A última PNAD Contínua registrou, na comparação com a do segundo trimestre de 2018, queda de 0,4 ponto percentual no desemprego em todo o País. Os 7,4 milhões de subocupados em abril-junho deste ano representam, porém,

número recorde na série histórica iniciada pelo IBGE em 2012. Os 11,5 milhões sem Carteira de Trabalho também formam o maior contingente nessa situação nos últimos sete anos.

Os números do IBGE referentes ao segundo trimestre mostram que a taxa de desemprego recuou em dez das 27 unidades da federação, mantendo-se estável nas demais. Os maiores índices foram apurados na Bahia (17,3%), Amapá (16,9%) e Pernambuco (16%); e os menores, em Santa Catarina (6%), Rondônia (6,7%) e Rio Grande do Sul (8,2%). O Nordeste apresentou a maior taxa de desempregados (14,6%), seguido pelo Sudeste (12,4%) e Norte (11,8%).

Um dos indicadores das adversidades do mercado de trabalho é a taxa de subutilização da mão de obra. Mantendo o patamar mais alto dos últimos anos, atingido no primeiro trimestre, os subutilizados eram 28,5 milhões. A subutilização abrange, além dos subocupados e desempregados, outros dois grupos: os desalentados, aptos para trabalhar, mas que dei-



xaram de procurar emprego (4,9 milhões); e os não desalentados, que estavam fora da força de trabalho por outros motivos (3,4 milhões).



### DRAMA E ESPERANÇA

Apesar do pequeno recuo do desemprego, a segunda PNAD Contínua de 2019 mantém-se em linha com a primeira, sinalizando o ritmo lento de retomada da economia. No trimestre abril-junho, 3,3 milhões de desempregados (26,2%) procuravam trabalho havia pelo menos dois anos – quadro semelhante ao registrado em análise da PNAD do primeiro trimestre feita pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). O estudo mostrou que a parcela desses desocupados crescera de 17,4% para 24,8% em quatro anos. O desemprego de longo prazo afetava mais as mulheres e as pessoas acima de 40 anos.

O aumento da quantidade desses desem-

**Estudo da FGV Social mostra que, de 2014 a 2017, o número de pessoas pobres no País subiu de 8,4% para 11,2% – aumento de 33%, que corresponde a 23,3 milhões de brasileiros, maior do que a população do Chile**

pregados não tem explicação conclusiva. Para o pesquisador do mercado de trabalho Lauro Ramos, um dos autores do estudo do Ipea, o longo tempo de desocupação teria mais ver com a duração da crise do que com a obsolescência de habilidades. “A chance de reto-

mada do emprego nos patamares do passado, quando a economia se recuperar, é uma incógnita. Algumas competências poderão ser mais bem remuneradas e outras menos”, estima.

A análise do Ipea atestou também o impacto negativo que os percalços do mercado de trabalho exercem sobre a renda das famílias. No primeiro trimestre, 22,7% dos domicílios do país não auferiam renda do trabalho. E mais: os de menores faixas de renda foram os que tiveram menos ganho salarial, ao passo que os domicílios mais ricos somaram renda 30 vezes superior. Nesse quadro de desigualdade, o fato positivo foi a evolução do rendimento médio do trabalho e da massa salarial, relacionados ao nível de consumo das famílias.

Lauro Ramos considera que, embora o mercado de trabalho siga “claudicante”, o avanço da renda e das contratações formais sinaliza melhoras na economia. Caso se confirmem, antevê, os resultados no emprego vão aparecer



## DESEMPREGO |

**TAXA DE  
DESOCUPAÇÃO (%)  
DAS PESSOAS  
DE 14 ANOS OU MAIS  
DE IDADE,  
BRASIL E UNIDADES  
DA FEDERAÇÃO -  
2º TRIMESTRE DE 2019**

Santa Catarina	6,0
Rondônia	6,7
Rio Grande do Sul	8,2
Mato Grosso do Sul	8,3
Mato Grosso	8,3
Paraná	9,0
Minas Gerais	9,6
Goiás	10,5
Ceará	10,9
Espírito Santo	10,9
Pará	11,2
Tocantins	11,4
Paraíba	11,9
Brasil	12,0
Rio Grande do Norte	12,5
Piauí	12,8
São Paulo	12,8
Acre	13,6
Distrito Federal	13,7
Amazonas	13,9
Maranhão	14,6
Alagoas	14,6
Roraima	14,9
Rio de Janeiro	15,1
Sergipe	15,3
Pernambuco	16,0
Amapá	16,9
Bahia	17,3

IBGE | Agência de Notícias | PNAD Contínua  
trimestral: desocupação recua em 10 das 27 UF's no  
2º trimestre de 2019

**BRASILEIROS QUE  
BUSCAM EMPREGO  
HÁ MAIS DE DOIS  
ANOS (%)**

**26,2%**

\*MÉDIA NACIONAL

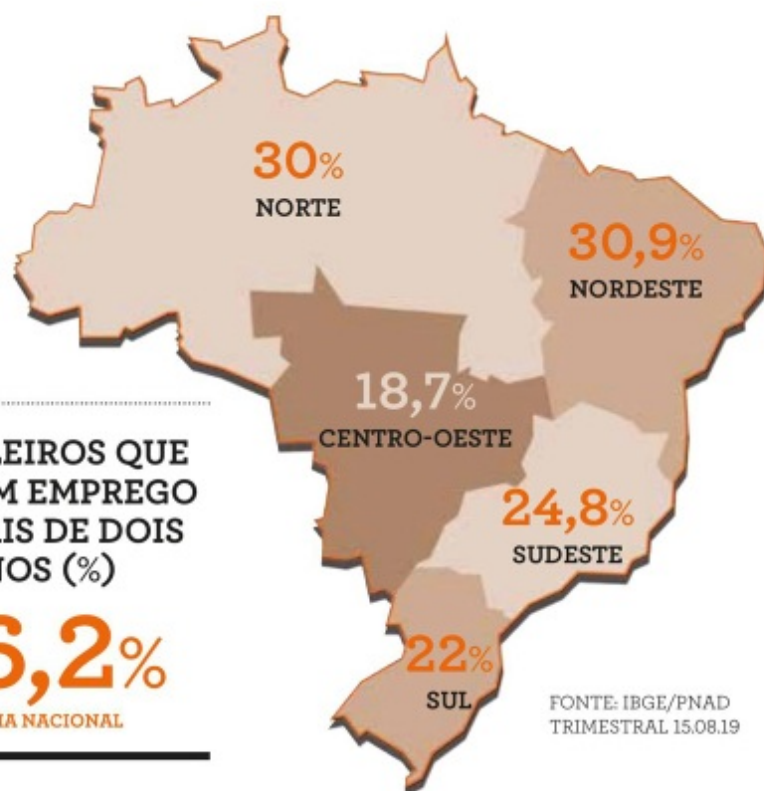
no começo de 2020. “O emprego formal é mais caro, sinal de que agentes econômicos apostam em relações de trabalho mais duradouras”, informa. A favor dos investimentos, ele cita o controle da inflação, a redução dos juros, a aprovação da reforma da Previdência e a expectativa da reforma tributária.



**RECUPERAÇÃO LENTA**

O especialista em mercado de trabalho Bruno Ottoni, pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e da consultoria IDados, não vê as estatísticas com otimismo. “Comparando a taxa de desemprego de um trimestre com a do mesmo período do ano anterior, observamos que estamos sempre com cerca de 0,4 ponto percentual abaixo. Isso é preocupante: o nível de desemprego é elevadíssimo e a recuperação é muito lenta e insuficiente”, afirma.

Otoni assinala que, mais que a comparação trimestral, a evolução anual dos números do IBGE proporciona mais segurança para o exame da situação do mercado de trabalho.



FONTE: IBGE/PNAD  
TRIMESTRAL 15.08.19

**“O estoque de empregos  
é muito pequeno,  
comparado com o  
crescimento anual das  
vagas sem carteira  
assinada e por conta  
própria, que tendem a  
ser informais.”**

Bruno Ottoni / Ibre-FGV

“Depois de um ano, estamos a apenas 0,4 percentual abaixo de onde estávamos no ano anterior. Tem sido assim nos últimos meses. É preocupante, porque o nível de desemprego é elevadíssimo e a recuperação, muito lenta. Nesse ritmo, vamos demorar cinco anos para chegar a uma taxa de um dígito”, adverte.

Outro problema destacado por ele é o peso do trabalho informal no processo de aparente retomada. Embora reconheça saldo positivo no setor formal, atestado também no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged),

do Ministério do Trabalho, o economista adverte: “O estoque de empregos é muito pequeno, comparado com o crescimento anual das vagas sem carteira assinada e por conta própria, que tendem a ser informais”, afirma, acrescentando que são empregos de baixa qualidade e remuneração menor.

O pesquisador também considera que a evolução sensível na geração de empregos deve ocorrer somente em 2020. Como fatores a favor, ele enumera o balanço positivo da criação de postos de trabalho formais e os sinais de crescimento da indústria, aliados à agenda de reformas do Governo e a medidas como a liberação de saldos do FGTS. “O mercado de trabalho reage com certa defasagem. Esse cenário não deverá produzir efeitos significativos antes do ano que vem”, avalia.



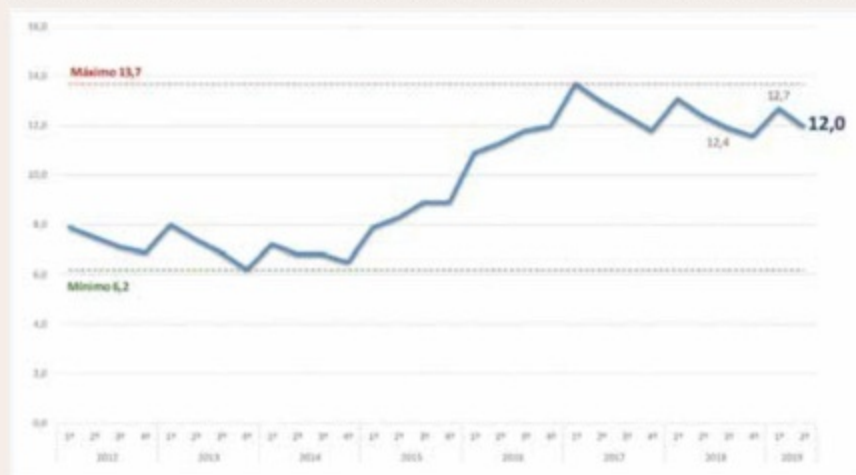
### DESAFIO DO CRESCIMENTO

Revezes conjunturais à parte, o trabalho no País enfrenta dificuldades relacionadas a problemas de fundo da economia, salienta o economista Lauro Faria, da Escola Nacional de Seguros. Ele assinala que, após viver franco crescimento dos anos 1940 até 1980, o Brasil entrou-se na chamada “armadilha da renda média” – conceito criado pelo britânico William Arthur Lewis, Prêmio Nobel de Economia em 1979, para definir a situação de países que não conseguem continuar a escalada rumo a padrões mais altos de desenvolvimento.

Resultado da divisão do valor do PIB pelo número de habitantes de um país, a renda média é situada pelos economistas na faixa entre 20% e 55% do PIB per capita dos Estados Unidos. No Brasil, que chegou a ter renda média correspondente a 39% da americana em 1980, a correlação beirou os 30% nos anos de crescimento da década passada e caiu a 25,8% em 2018, tendo ficado em US\$ 14,4 mil, calculada de acordo com a taxa média de câmbio ao longo do ano.

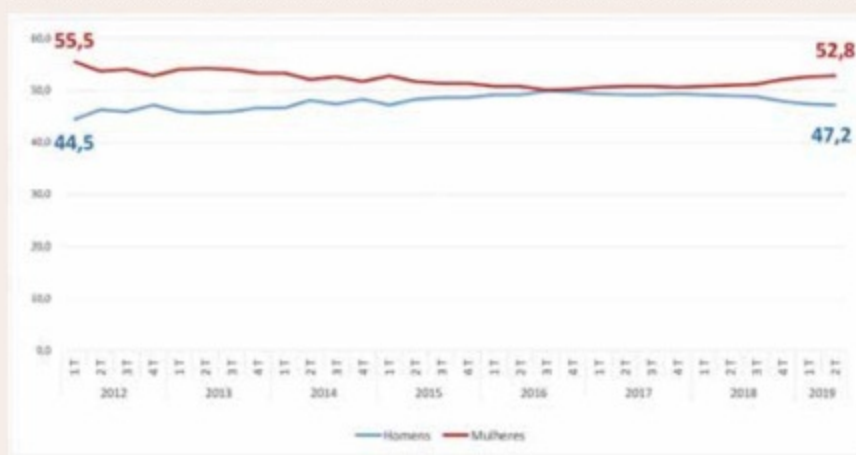
De 101 economias de renda média e baixa em 1960, apenas 13 ascenderam à faixa de renda alta, diz Lauro Faria, com base em estudo do Banco Mundial. Depois de ter subido ao nível da renda média, graças à mobilização de mão de obra abundante para o crescimento extensivo da economia, argu-

### TAXA DE DESOCUPAÇÃO DAS PESSOAS DE 14 ANOS OU MAIS DE IDADE, NA SEMANA DE REFERÊNCIA (EM %) - BRASIL



A taxa de desocupação no 2º trimestre de 2019 reduziu 0,7 ponto percentual em relação ao 1º trimestre de 2019.

### DISTRIBUIÇÃO (%) DA POPULAÇÃO DESOCUPADA POR SEXO - BRASIL



As mulheres continuam sendo maioria na população de desocupados.

FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua



## DESEMPREGO ESTRUTURAL NO HORIZONTE

**Na esperada volta da oferta de emprego,** muitos postos de trabalho eliminados por força da crise podem não ser reabertos, em face do avanço da tecnologia. O chamado desemprego estrutural, vivido em outros países, decorre do ritmo acelerado da informatização de processos e da adoção de recursos da inteligência artificial em todos os setores da economia, assim do uso da robótica na indústria.

“Muitas ocupações estão se tornando obsoletas e têm sido substituídas por outras formas de produção, em função das mudanças tecnológicas. Pessoas que desenvolveram habilidades de desempenho no passado terão que se reinventar para reingressar no mercado de trabalho”, prevê o pesquisador Lauro Ramos, do Ipea.

Para o pesquisador Bruno Ottoni, da FGV/Ibre, é cedo

para uma avaliação do problema no País. “É possível que isso esteja acontecendo, mas numa escala muito menor do que em outros países”, avalia. Ele cita balanço recente da Federação Internacional de Robótica (IFR, na sigla em inglês), que situa o Brasil na 18ª colocação global em estoque de robôs industriais, com reduzido número desses equipamentos em relação ao contingente de trabalhadores.

“A mão de obra é mais barata, o que a favorece na relação com o capital”, compara Ottoni. Outro fator a favor do emprego, ele destaca, é a operação oligopolizada de alguns setores econômicos no País, que não têm como imperativa a busca de inovações tecnológicas a serviço do aumento da produtividade, ao contrário do que ocorre em mercados de concorrência acirrada.

menta o economista, nações como o Brasil “não têm mais o excedente de mão de obra que permitia produzir a preço baixo nem a tecnologia e a capacidade de inovação para competir com os países desenvolvidos.”

“O estancamento da economia brasileira é muito grave para o emprego”, afirma Lauro Faria, referindo-se à perda de dinamismo da atividade econômica desde o fim da década de 1970, marcada pelo surto de crescimento do chamado “milagre econômico”. Além da retração da abertura de postos de trabalho decorrente da situação estacionária da economia, segundo ele, o emprego vem sofrendo com o avanço tecnológico. “Embora a população cresça menos, o problema da empregabilidade é muito maior do que naquela época”, compara.

Desemprego e redução da renda média, assim como o aumento da desigualdade, estão associados na situação brasileira, constata estudo do diretor do Centro de Políticas Sociais da FGV, Marcelo Néri. O trabalho, intitulado “Qual foi o Impacto da Crise sobre Pobreza e Distribuição de Renda”, mostra que, de 2014 a 2017, o número de pessoas pobres na população do País subiu de 8,4% para 11,2% – aumento de 33%. Esse contingente corresponde a 23,3 mi-

**“Nossa carga tributária é alta e temos uma burocracia de impostos, custo laboral elevado e regulações que dificultam o investimento produtivo e a movimentação dos capitais.”**

Lauro Faria / ENS

lhões de brasileiros, maior do que a população do Chile, ressalta o pesquisador.

Nesse contexto, aponta o estudo do FGV Social, as maiores perdas de renda média atingiram os mais jovens, as pessoas com ensino médio incompleto e os responsáveis por domicílios. “O desemprego foi o principal responsável pela queda do poder de compra das famílias brasileiras, sinal de desajuste do mercado de trabalho e de frustração. A maioria dos ocupados passa a temer cair no desemprego e, por precaução, reprime sua demanda por bens e serviços”, afirma o trabalho.

Para o economista Lauro Faria, o País precisa ganhar em competitividade para elevar a renda e expandir de forma sustentável a geração de trabalho. “Nossa carga tributária é alta e temos uma burocracia de impostos, custo laboral elevado e regulações que dificultam o investimento produtivo e a movimentação dos capitais, além de tarifas que afetam bens importados e geram situações de proteção em prejuízo de setores que poderiam crescer. O Brasil já fez várias coisas interessantes, como o controle da inflação, mas precisa fazer mais”, conclui.

Na visão do economista da Escola, o País precisa remover “travas” que contêm a produtividade. Como exemplo, cita o valor de uma colheitadeira de grãos no Brasil, muito mais alto do que nos Estados Unidos. “Uma agenda importante é, progressivamente, expor nossa economia à competição internacional”, diz ele, defendendo também a cobrança de resultados efetivos em educação. A armadilha da renda média, aponta Lauro Faria, parece estar sendo superada pela China: “o país já está nessa faixa, mas o crescimento continua muito forte. Tudo indica que, em alguns anos, passará a uma faixa superior.” ●